

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE PELOTAS-RS

CHRISTIAN PERES DA COSTA; FRANCIELE ROOS DA SILVA ILHA

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – christianescola92@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – francieleilha@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como objetivo geral trazer as principais reflexões que surgiram a partir das experiências e vivências produzidas no estágio curricular supervisionado (ECS) VI de um acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física, que foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita, em um período conturbado, de volta às aulas presenciais, depois da longa pandemia de Covid-19.

O ECS VI é uma disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Educação Física da UFPEL, que é voltado para a prática da docência no ensino médio. Apesar de a disciplina ser prática, ela também é composta por uma parte teórica, que ampara os alunos diante de suas primeiras experiências docentes nesta etapa de ensino. Em conformidade com a visão de Pimenta (2019) que defende que o ECS não pode ser apenas uma disciplina que visa o desenvolvimento prático de “como ensinar”, dentro de uma perspectiva positivista e tecnicista, mas sim que o ECS seja um espaço para crítica e reflexão sobre o trabalho docente, sobre o contexto social e econômico que este trabalho está inserido, defende portanto, que o professor caminhe em um rumo para transformar a sociedade e não para a contribuição da manutenção da sociedade tal qual ela é hoje, através da reprodução acrítica dela.

Em um primeiro momento, foram disponibilizadas duas escolas diferentes onde os acadêmicos/as poderiam atuar, sendo elas: Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita e Instituto Federal Rio-grandense. Como eu realizei o meu estágio no ensino médio em uma escola estadual, optei pela Escola Santa Rita, ainda que esta escola oferecesse uma realidade de infraestrutura e de materiais disponíveis inferior que a outra opção. Uma turma de segundo ano do ensino médio foi escolhida.

2. METODOLOGIA

Tive um início bastante conturbado, onde foi possível vivenciar a realidade de uma escola pública e estadual. Levei um mês até conseguir adentrar a escola desde a data prevista, devido aos mais variados problemas. Desde problemas relacionados à infraestrutura, como a falta de água impossibilitaram a ocorrência de aulas na escola, até mudanças repentinas nos horários, e eventos de última hora. Superado este início, foi possível realizar as duas observações iniciais das aulas da professora de educação física (EF) da turma, para depois dar início a docência.

O planejamento foi estabelecido junto aos alunos da turma. Em conformidade com o que é proposto pela BNCC do ensino médio, no que tange ao trecho a seguir:

“I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; (BRASIL, 2018).”

Foi discutido com os alunos as suas experiências na Educação Física ao longo dos anos, a fim de entender o que eles não vivenciaram durante o ensino fundamental, ou vivenciaram pouco, ou ainda, gostariam de experienciar novamente. E chegamos em dois esportes como resultado desta discussão, e que poderiam assim estar dentro de nosso planejamento, sendo eles o basquete e o voleibol.

Optamos por uma metodologia de ensino para trabalhar estes esportes dentro dos aspectos: Atitudinais: Buscou-se conceituar como o esporte em geral está inserido dentro de nossa sociedade, o papel que ele têm na formação dos indivíduos enquanto seres sociais, no histórico de preconceitos e segregações de gênero relacionados a ele; Conceituais: Onde buscamos trabalhar os aspectos teóricos de tais esportes, as regras que envolvem sua prática e as estratégias e táticas atreladas a eles; Procedimentais: Onde buscou-se ofertar a prática do esporte, o fomento pelo gosto por ele, para que seja levado para a vida toda.

Dentro da metodologia de ensino, duas obras foram fundamentais para pensar a práxis, que foram as obras de Freire (1967) e Kunz (2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, foram sete intervenções realizadas, sendo duas apenas observações, as quais também aconteceram interações com a turma e uma breve participação nas aulas. Foi possível trabalhar dentro de todas as dimensões que constavam no planejamento, apesar do tempo escasso devido aos imprevistos. Foi utilizado um diário de campo para nortear o trabalho, assim como para a realização da avaliação cumulativa da turma, onde eram anotados os principais pontos para a realização dela.

A professora da turma foi parte fundamental desta experiência. Ela me deu bastante liberdade para poder trabalhar, de acordo com os meus métodos, e por outro lado, ajudou na conquista da turma, além de me introduzir ao ambiente da escola apresentando a instituição.

As aulas giraram em torno do basquete e do voleibol. Como a professora da turma já estava trabalhando voleibol, optei por dar continuidade a este trabalho em curso. Das observações consegui compreender os procedimentos de ensino da professora da turma, e as características da aula, os quais tentei manter para que não houvesse um grande estranhamento por parte dos alunos. Isso funcionou, pois foi possível manter o ritmo das atividades, e os alunos foram muito participativos, do início ao fim, dentro de todas as atividades propostas.

A parte prática das aulas pôde ser desenvolvida em dois diferentes ambientes: nas quadras ao ar livre da escola, onde há uma quadra de areia de voleibol, que apesar de ser bastante precária, de dimensões inadequadas, é envolta de um ambiente bonito, com bastante espaço ao entorno, e a outra, uma quadra de cimento, que possui apenas uma tabela com cesta de basquete, onde foi possível adaptar algumas atividades utilizando apenas um lado da quadra. O outro ambiente é a quadra coberta da escola, que fica nas imediações de outras salas de aula, onde o espaço é pequeno, e vigas de concreto posicionadas próximas da rede de voleibol, tanto ao lado como em cima, e atrapalham a

prática. Esta quadra interna possui também apenas uma cesta e uma rede de voleibol de tamanho inadequado.

Nas aulas práticas o principal enfoque foi o conteúdo de voleibol, em que dei mais atenção e consegui aprofundar mais. Foi possível trabalhar as principais regras dentro das aulas práticas, assim como alguns dos principais fundamentos do esporte, sendo eles: saque, manchete e toque. Dentro das aulas práticas, era comum aparecer alunos de outras turmas, liberados pelo professor, ou mediante outra situação, pedindo para participar da aula pois estavam sem ter o que fazer, estes alunos sempre foram incorporados na dinâmica das atividades práticas.

Na parte teórica, trouxemos duas atividades principais: um trabalho cujo objetivo era refletir o machismo no esporte, e a proibição histórica da mulher no esporte que ocorreu no Brasil, retratando o preconceito existente em nossa sociedade até os dias atuais. Os alunos levaram para casa um pequeno texto contando sobre esta proibição, junto de uma atividade a qual eles deveriam pesquisar sobre uma atleta mulher, contar sua história, seus feitos, para ser socializado em sala de aula na semana seguinte. Junto a esta socialização, foi realizado um pequeno debate, onde questões interessantes surgiram. Os alunos mostraram desconhecer o caráter jurídico que existia no país, que de fato, proibia por lei as mulheres de praticarem esportes, e muitos relataram que pensavam que isso era “apenas preconceito”.

Ainda foi realizado um trabalho teórico sobre como foi o processo de invenção do voleibol e do basquete, onde abordamos as histórias de ambos por meio de textos lidos em sala de aula, e em seguida um questionário foi aplicado com estes conteúdos.

Ao fim das intervenções, utilizei uma avaliação somativa que levou em conta o histórico de participação, comprometimento e respeito nas aulas, também ambos trabalhos teóricos aplicados. Cabe neste momento, trazer um excerto do parecer final que escrevi no diário de campo:

“A turma foi muito respeitosa e se comprometeu em todas as aulas. Posso afirmar sem nenhuma dúvida que foi a melhor turma que já tive o privilégio de ser professor, no sentido mais amplo dessa expressão. Não tenho porque cogitar que as notas referentes aos três pilares de nossa metodologia poderiam ser outras senão notas máximas”.

Além do trabalho docente na escola, tive reuniões semanais com os demais colegas da turma de ECS VI, onde discutia-se o andamento do trabalho de cada um em suas turmas, as principais dificuldades e desafios, trocas de experiências gerais. Estas reuniões aconteceram de forma híbrida, isto é, algumas online pela plataforma e-aula e outras presenciais. Estes encontros possibilitaram uma união entre a prática e a teoria, que é imprescindível como apontam Lima e Pimenta (2006), para que o ECS seja uma aproximação da realidade docente, e não somente o simples exercício desta função. As discussões realizadas nos encontros possibilitaram que os acadêmicos/as em situação de estágio se aproximasse de diferentes realidades que surgiam em meio às práticas no ECS, isto é, o compartilhamento das experiências contribuíam com as reflexões que surgiam a partir delas.

Foi a primeira experiência da Escola Santa Rita com estagiários, pensamos que esta experiência tenha contribuído com a escola, trazendo uma troca de experiência com os professores da educação básica, estagiários e orientadores da UFPEl.

4. CONCLUSÕES

Este relato buscou contar a experiência de um acadêmico em seu último ECS. Um importante momento de transição, que conta o encerramento de sua graduação. Nossa conclusão é de que esta experiência cumpriu com o objetivo de aproximar o futuro professor com a realidade de uma escola pública estadual, que é permeada de dificuldades e obstáculos, com imprevistos e carecimento de infraestrutura e de investimentos adequados. Foi possível desenvolver conteúdos que caminham na direção de uma Educação Física crítica e reflexiva, que pensa seus conteúdos por um viés transformador, cujo objetivo não é apenas reproduzir a sociedade, mas sim, modificá-la.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Documento Oficial. MEC. Brasília, DF, 2018.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra LTDA, 1967.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica**. 6 ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2004.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poíesis pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

PIMENTA, S.G. Estágios Supervisionados: Unidade Teoria e Prática em cursos de Licenciatura. Cunha, C.; FRANÇA, C.C. (Orgs). **Formação docente**. Fundamentos e Práticas do Estágio Supervisionado. Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019, p.19-50.